

TRIVIAL VARIADO RUBEM BRAGA

Uma rasteira magnífica

Dei uma nota aqui outro dia sobre o Hospital Mário Kroeff, que abriga os cancerosos pobres considerados incuráveis. Expliquei que o canceroso pobre, quando *desenganado*, é refugado de outros hospitais para não ocupar um leito que serve para o doente curável. Vai então para o Mário Kroeff onde, além do tratamento que lhe alimenta a precaríssima esperança de cura, êle tem seus sofrimentos minorados e é assistido pelas Irmãs Vicentinas.

Esse hospital está precisando de dez milhões para aumentar seu número de leitos de 100 para 120.

Minha notinha valeu. Primeiro o Deputado (PDC — Guanabara) Afonso Arinos Filho me comunicou haver destinado 6 milhões de cruzeiros de sua subvenção extraordinária (para obras e equipamentos) ao hospital, no orçamento para 1965. O jovem parlamentar quase se desculpa pelo seu belo gesto, escrevendo: "Sem nenhum mérito de minha parte — pois trata-se do que se chamaria barretada com chapéu alheio." Mas o fato é que fez alguma coisa a favor desses desgraçados doentes.

Ontem recebi, para entregar à direção do hospital, um cheque de um mi-

lhão de cruzeiros. É donativo do Banco de Crédito Real de Minas Gerais. Um gesto realmente raro e magnífico.

Mas êsse cheque de um milhão tem sua história, a que o BCRMG não faz referência; eu farei. Caçoei, há tempos, de uma iniciativa do grande banco — onde, aliás tenho excelentes amigos e no qual já empinei, há tempos, meus modestos papagaios. Minha nota saiu a 13 de outubro e não teve resposta: lá no banco ninguém tugi nem mugiu. Moita — daquela cerrada moita mineira. Agora vejo que êles estavam era me tocando. Como eu criticara um gesto de benemerência do banco que me parecia indigno de seu poderio econômico, seus diretores agora me *tapam a boca* mandando, por meu intermédio, 1 milhão de cruzeiros para um hospital. Confesso-me derrotado por êsse golpe; derrotado e muito agradecido — como diria meu amigo Lúcio Rangel que, quando mais jovem, se meteu a brigar com um malandro de morro e, depois de contar como o sujeito lhe dera uma rasteira que o jogara ao chão todo machucado, comentava com *fair play*: "o bandido me deu uma rasteira magnífica!"

A bomba do Bruni

Fiz aqui algumas ponderações tranquilas sobre o caso da bomba do Cinema Bruni. O Cel. Gustavo Borges não gostou, e mandou uma carta, divulgada ontem neste jornal, em que lembra que os comunistas mataram Trotski, Béria e Elza Fernandes. Nisso tem razão, e nunca neguei que os comunistas já tivessem apelado para o terrorismo. Apenas, chamei a atenção do Coronel para sua leviandade em declarar, no instante mesmo em que soube da existência de uma bomba, que a culpa era dos comunistas. Expliquei que a bomba poderia ter várias outras origens, como todo mundo sabe.

Em sua carta o Coronel Borges chega a implicar os comunistas no assassinio do Major Vaz, o que é uma novidade. Lembro-me de que, na ocasião da crise

provocada por êsse crime, os comunistas, sentindo como o Sr. Vargas perdera prestígio, fizeram contra êle um manifesto escrito com a habitual violência, com verdadeira ferocidade de estilo, sem poder imaginar que, com seu gesto extremo, o Sr. Vargas voltaria a comover as massas. Por ocasião do crime da Rua Toneleros a oposição disse cobras e lagartos do Governo, mas ninguém, nem o Sr. Carlos Lacerda nem eu, se lembrou de assobiar os comunistas a um crime com o qual êles nada tinham a ver.

O Coronel Borges termina sua carta me dirigindo um insulto pessoal. Que é isso, Coronel? Devolvo-lhe o insulto e informo que isso não é argumento digno de uma autoridade. Fica-lhe mal, e de maneira alguma fará cessar minha crítica.